

trazendo Délia. Os dois apaixonados querem se atirar nos braços um do outro, mas Fosca não o permite. Oferece um veneno à Délia para que, tomando-o e morrendo, salve a vida de Paolo. Este pede-lhe para não cometer tal crime e Délia hesita sob os escârneos de Fosca, que ordena finalmente aos corsários a morte de Paolo. Fosca torna a oferecer o veneno a Délia e esta já o aproxima de seus lábios, quando se ouve a voz de Gaiolo que, do alto do rochedo, chama os corsários. Todos correm ao encontro do chefe. No alvoroço geral, Paolo e Délia atiram-se nos braços, um do outro, enquanto Gaiolo, indicando-os aos seus fiéis corsários, dá-lhes a ordem de levá-los imediatamente para a frota veneziana, que está cruzando a enseada de Istria. Paolo e Délia rejubilam-se, enquanto Fosca, perdidas todas as esperanças de amor e de vingança, toma o veneno que havia destinado a Délia.

Os corsários perguntam a Gaiolo se devem entregar os noivos a Cambro para que este os leve ao barco. Gaiolo responde que, ao descer em terra, verificando que Cambro já se havia oposto ao seu comando, fora obrigado a eliminá-lo. Induz Paolo e Délia a partirem, quando Fosca, já sob a ação do veneno, suplica-lhes que ainda permaneçam por um instante a fim de lhes pedir perdão por tudo que sofreram por sua causa. Paolo e Délia perdoam e partem, prometendo-lhe que abençoariam sempre a sua memória. Gaiolo e os corsários, cientes de que a frota veneziana ainda os ameaça, combinam novos planos de defesa e de ataque, enquanto Fosca, moribunda, pede ao irmão que a sustente até poder alcançar um recife, de onde ainda possa avistar, ao longe, Paolo e Délia que partem em busca da pátria, do lar e do amor. Apenas ela pronuncia um último adeus, cai morta nos braços de Gaiolo, que, depositando seu corpo no chão, ergue-se enfurecido, ameaçando Veneza e gritando por vingança, corre em direção ao mar, acompanhado no mesmo impulso de revolta e de ira por todos os seus corsários.

5. SALVATOR ROSA

Libreto de A. Ghislanzoni.

Primeira representação: Genova, 21 de março de 1874.

A ação transcorre em Nápoles, por ocasião da revolta contra os espanhóis, em 1647. O **primeiro ato** consta de duas cenas. A primeira mostra-nos o estúdio do pintor Salvator Rosa, que se encontra à frente de um cavalete, dando os últimos retoques num quadro que representa uma marinha com um vulto de mulher em atitude sonhadora. Gennariello, atrás do pintor, olha o quadro e observa que todas as figuras femininas de

Salvator Rosa se assemelham de maneira um tanto monótona. Responde o pintor dizendo que isto significa estar ele apaixonado por uma só mulher. O jovem, encorajado pela confiança, confessa que também está amando, apesar de sua pouca idade, e pede licença a seu grande amigo para cantar a canção que ele mesmo compôs para sua namorada. Salvator Rosa cumprimenta-o calorosamente, quando chega Masaniello, que também une seus louvores aos do pintor, segredando-lhe, contudo, que precisa ter com ele uma conversa particular. Salvator Rosa despede Gennariello, que reclama de Masaniello o fuzil que lhe havia prometido e que o pescador assegura lhe será entregue naquele mesmo dia, na praça, quando o sino da catedral tocar as doze horas.

Apenas a sós, Masaniello declara a Salvator Rosa que tudo está pronto para a revolta e para o assalto ao castelo, sem todavia haverem encarado a possibilidade de assassinar o vice-rei, declarando Masaniello que não tem instintos sanguinários. Os dois amigos abraçam-se com a promessa de se encontrarem ao meio dia, juntamente com outros conjurados. Masaniello parte, deixando o pintor entregue às suas meditações. Volta de súbito Gennariello a advertir Salvator Rosa de que os soldados do Duque d'Arcos o vêm prender, portanto ele deveria fugir. Mas é tarde: entra o Conde de Badajoz, que convida o pintor a segui-lo à presença do Duque Gennariello corre a prevenir Masaniello, quando entram diversos jovens, estudantes, discípulos de Salvator Rosa, e todos juram libertá-lo.

Transfere-se a cena para uma luxuosa sala no palácio do Conde d'Arcos. Este, ao entrar, pede ao comandante Fernandez notícias da esquadra espanhola esperada no porto de Nápoles. Fernandez mostra-se inquieto por ter observado evidente sinais de revolta pelas ruas da cidade. O Duque afirma nada temer, fiando-se nas ordens dadas, de rigorosa repressão, além de confiar na bravura de Fernandez, a quem reitera a promessa de dar, como recompensa, sua própria filha Isabela como esposa. Fernandez inclina-se respeitosamente e sai pleno de felicidade e pensando, ao mesmo tempo, no que poderá acontecer na cidade. Ficando sozinho, o Duque abre uma pequena porta simulada nos painéis da parede, dizendo que, em caso de perigo, ali seria a sua saída. Entra o Conde de Badajoz com Salvator Rosa. O Duque recrimina o pintor pela sua participação na conjuração. Salvator Rosa não nega, mas pede-lhe que tenha então clemência e justiça para com o povo oprimido. O Duque profere novas ameaças, quando entra sua filha Isabela, dizendo-lhe que já tem a certeza de que toda Nápoles está em revolta. À entrada de Isabel, Salvator Rosa mostra-se surpreso, pois ignorava fosse aquela mulher de seus sonhos (que muitas vezes havia encontrado na cidade) a própria filha do Duque d'Arcos. Isabela implora ao pai clemência para com o povo de Nápoles, enquanto o pintor lamenta reconhecer na mulher que ama uma filha de príncipe, portanto inacessível a ele.

Entra logo em seguida o Conde de Badajoz e pede ao Duque que fuja imediatamente, pois é impossível dominar a revolta do povo. Após algumas hesitações e a promessa de Salvator Rosa de tentar apaziguar os revoltosos, o Duque, Isabella, o Conde de Badajós com sua escolta, fogem todos pela portinhola secreta. Instantes depois irrompem na sala os revoltosos com Masaniello à frente, chamando pelo Duque, quando depararam com o pintor, que lhes comunica a fuga. Masaniello, exultante, declara liberto o povo de Nápoles. Todos se abraçam, aclamando Masaniello seu salvador.

Segundo ato. Primeira cena: uma sala em Castelo Novo, perto de Nápoles. O Duque está sentado à mesa, olhos fixos numa folha de papel, enquanto Isabela, de pé, espreita pela janela, dizendo-se a si própria que está reconhecendo Salvator Rosa. O Duque ordena-lhe que regresse a seus aposentos e arrume-se melhor, pois dentro de uma hora, deverão voltar para Nápoles. Isabela exprima seu contentamento, julgando que o pai aceitara as propostas de Masaniello, O Duque permanece só, comentando a crítica situação em que se encontra, obrigado a ceder aos revoltosos, traindo por assim dizer o seu rei, sacrificando ao mesmo tempo seu amor de pai; finalmente, assina o decreto de clemência que concede aos napolitanos o que eles exigem.

Entra Badajós anunciando a chegada do mensageiro de Masaniello, que não é outro senão Salvator Rosa. O Duque sai pedindo ao pintor que o espere para se apresentar com ele na sacada do palácio e receber as aclamações do povo. Chega Isabela, que julga encontrar o pai, mas encontra apenas Salvator Rosa e com ele se rejubila pela vitória dos napolitanos. O pintor, encorajado pela atitude da jovem duquesa, ousa revelar-lhe que a ama desde muito, sem saber, contudo, quem ela fosse. Isabela corresponde sinceramente ao amor do artista, confessando que só a ele concederia sua mão de esposa, preferindo a morte caso não lhe fosse possível realizar este ideal.

O Duque entra e ouve as últimas palavras da filha. Estremece indignado, mas pede ironicamente a Salvator Rosa que acompanhe-a à saída. Todos saem pela porta dos fundos, enquanto o Duque, olhando a filha e o artista com olhar terrível, profere a ameaça de mandar Isabela para um convento e Salvator Rosa para a forca.

A segunda cena passa-se numa praia de Nápoles, onde uma multidão de jovens dançam a "tarantela", enquanto o povo os admira e comenta a vitória obtida sobre o governador espanhol. Chega o famigerado bandido Corcello com seus sequazes, afirmando que, tendo vindo a chamado de Masaniello para ajudar a expulsar os estrangeiros, não quer voltar para seu esconderijo sem antes saquear a cidade. Entra Masaniello acompanhado de alguns frades e homens do povo, que o querem aclamar; mas ele, do alto de uma tribuna, agradecendo as homenagens, aconselha calma,

prudência e justiça, dizendo que não almeja honras nem riquezas, apenas está satisfeito de haver defendido os direitos do povo. Soldados desfilam pela praça sob aclamação popular, quando aparece Salvator Rosa ao lado do Duque d'Arcos. Este pede que lhe seja apresentado o herói da revolta; e quando Masaniello se apresenta, o Duque aperta-lhe ironicamente a mão, abraçando-o após lhe haver entregue o documento com a prometida clemência, com a volta às antigas leis, que o povo reclamava. Masaniello promete obediência às autoridades, desde que as promessas sejam cumpridas. O Duque convida Masaniello para ir à corte. O povo exulta, enquanto Masaniello e o Duque partem sob aclamações.

O terceiro ato nos mostra o terraço do palácio do Duque d'Arcos. É noite e a cena está magnificamente iluminada. Música interna. Ouvem-se os brindes e as aclamações dos convivas no interior das salas. Fernandez e Badajoz saem comentando a estranha atitude de Masaniello que, tendo participado do banquete, já está demonstrando os efeitos do tóxico que lhe foi administrado no vinho por ordem do Duque d'Arcos. Chega Salvator Rosa, inquieto não ter ainda visto Isabela. O Conde afirma ao enciumado Fernandez que o Duque já providenciara o internamento da filha num convento até ela consentir em se casar com ele. Os dois se encaminham para o fundo da cena, enquanto se ouvem do interior da sala os gritos de Masaniello já embriagado e que pouco depois aparece no terraço com as roupas em desordem, os cabelos em desalinho e proferindo palavras sem sentido. O pintor, ao vê-lo naquele estado, procura acalmá-lo, porém Masaniello, sob a ação do tóxico, parece ter enlouquecido e por fim foge precipitadamente. Salvator faz menção de segui-lo, mas volta ao encontro do cortejo e do Duque, que dá ordens para que se procure Masaniello. O pintor retruca que seu amigo fugiu, quase louco, por causa do tóxico que lhe fora criminosamente administrado no palácio. O Duque indignado com aquela ousada (embora justa) acusação, manda prender Salvator Rosa.

Transfere-se a cena para o claustro de um convento. Isabela entra ofegante, dizendo à irmã Inês que carece de ar e de luz. A irmã afasta-se com a desculpa de ter de atender a uma outra irmã que agoniza; trata-se de uma jovem que entrara para o convento para esquecer um amor profano. Isabela permanece estarecida ante o desfilar das freiras que se dirigem para a capela, enquanto ela lamenta sua triste sina, condenada a sofrer num convento a saudade de seu grande amor e talvez a morrer também de paixão, vítima da severidade paterna. Chega inopinadamente o próprio Duque. Isabela, cheia de esperança, julga que o pai, tendo-a perdoado, vem libertá-la. Mas ele só tem o intuito de lhe propor uma vil transação. Ela se casará com Fernandez em troca da libertação de Salvator Rosa, que se encontra prisioneiro numa masmorra. Desesperada, após atroz relutância, a jovem cede à vontade paterna. As freiras, horrorizadas, passam em direção à capela, lastimando a desventura da vida humana.

Quarto ato. Cena dividida ao meio por um muro coberto de hera e de flores. Ao longe o panorama da baía de Nápoles; é madrugada. Gennariello, mais para o fundo da cena, canta uma canção, dirigindo-se para o mar. Badajoz sai da porta do castelo e se dirige para a grade do jardim, onde aparece também Corcelli e seus sicários, todos envolvidos em mantos pretos e armados. O Conde combina com os bandidos um assalto em que eles deverão trucidar Masaniello no momento em que este entrar na igreja para as suas orações.

Chega pouco depois Salvator Rosa ladeado por dois soldados. Mas o Conde lhe diz que está livre e que pode partir, indicando-lhe a igreja como sendo o melhor caminho a seguir. O pintor, surpreendido pela inesperada clemência, encaminha-se para sair, ainda desconfiado, quando aparece Isabela em traje nupcial. Os dois apaixonados abraçam-se jubilosos. Isabela, porém, revela a seu amado que tem a morte no peito. Explica-lhe que para que ele tivesse a vida salva, foi preciso fingir que obedeceria ao pai, que a queria esposa de Fernandez, mas que ela já tomara um veneno que a prostrará morta antes da celebração do rito nupcial. Salvator Rosa pede-lhe que fuja com ele, mas Isabela hesita, enquanto Gennariello aparece à porta da igreja, comunicando ao pintor que Masaniello, lá dentro, corre perigo. Salvator Rosa pede mais uma vez a Isabela que o acompanhe, quando se ouve um tiro no interior da igreja. Surgem o Duque e o Conde no limiar do palácio. Salvator Rosa, que tinha corrido para acudir a Masaniello na igreja, aparece nos degraus do templo de punhal na mão, ameaçando o Duque para vingar Masaniello, que acabara de morrer, golpeado pelos bandidos. O Duque quer mandar prender o pintor, mas a filha interpõe-se. Salvator escarnece-a, sem compreender ainda o sacrifício da jovem e atira o punhal a seus pés. Ela o apanha e fere-se, apressando assim a sua morte. O Duque e Salvator Rosa desesperam-se. Isabela agoniza, perdoando ao pai e pedindo ao artista que se dedique à sua arte sublime para vir a ser um grande pintor.

6. MARIA TUDOR

Libreto de Emilio Praga.

Primeira representação: 27 de março de 1879.

A ação passa-se em Londres, em 1650. O **primeiro ato** se desenvolve numa praça meio deserta, às margens do Tâmis. Do lado direito, uma casa modesta, residência de Giovanna, uma jovem orfã. Entardece. Entram em cena numerosas pessoas, entre as quais D. Gil. Todos, falando